

# A PREVENÇÃO E O COMBATE AO TERRORISMO NO SÉCULO XXI

*Gen Alvaro de Souza Pinheiro*(\*)

*“O entendimento e o conhecimento das motivações e capacitações de uma organização terrorista possibilitam uma sólida fundamentação na conduta de operações contraterrorismo bem-sucedidas, bem como o emprego de aproximações ativas, tanto direta quanto indireta, na confrontação com a ameaça.”*

*(Joint Publication JP 3-26, COUNTERTERRORISM, 13 November 2009, US Joint Chiefs of Staff)*

## **1 AMEAÇA ANTIGA COM ROUPAGEM NOVA**

Os trágicos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, nos EUA, repercutiram de forma traumática em todo o mundo, que os acompanhou, em tempo real, ao vivo e em cores. O “NINE / ELEVEN”, como ficou universalmente conhecido o dramático evento, constituiu-se em um verdadeiro “divisor de águas” entre um “terrorismo clássico”, instrumento de perspectiva eminentemente tática de movimentos revolucionários do período da Guerra Fria, e um “terrorismo contemporâneo”, típico do término do Conflito Bipolar, de caráter eminentemente estratégico, caracterizado por demonstrar ser um fim em si mesmo.

Muito embora as táticas, técnicas e procedimentos (TTP) permaneçam, de maneira geral, as mesmas, há que se destacar algumas diferenciações básicas entre o terrorismo clássico

e o contemporâneo. A principal delas se refere à lógica da confrontação: no passado, havia uma certa previsibilidade, em função da determinação de objetivos palpáveis e definidos; na atualidade, a imprevisibilidade é total. Isso ocorre, primeiro, pela caracterização de uma ameaça global (e não mais localizada) e, segundo, pelo fato de que as organizações operam de forma totalmente indiscriminada, motivadas pela destruição, ou seja, quanto maior a destruição, melhor. A lógica fica prejudicada quando se faz necessário enfrentar indivíduos fanáticos que, visando causar o maior terror possível, usam, como instrumento desse terror, a sua própria morte, e que ambicionam atingir o paraíso, matando, indiscriminadamente, em nome de Deus.

Mais do que nunca, há que se ter em mente que o terrorismo é uma forma de guerra psicológica, o que absolutamente não impede, muito pelo contrário, estimula, a ocorrência de baixas letais, na maioria de cidadãos civis não combatentes.

## **2 TERRORISMO CONTEMPORÂNEO: TIPIFICAÇÃO E TTP.**

Embora não exista uma definição formal universal para a ameaça do terrorismo (a ONU evoluiu bastante na busca dessa definição, mas não a concretizou), o Departamento de Defesa dos EUA a define como o uso premeditado de violência ilegal, ou de ameaça da violência ilegal

visando causar medo, com o intuito de coagir ou intimidar governos ou sociedades na consecução de objetivos políticos, religiosos ou ideológicos.

Fundamentalmente, são quatro as variantes de organizações terroristas em presença, na atualidade.

A primeira, são organizações terroristas inseridas no contexto de movimentos revolucionários, desencadeando atentados em conjunção a atividades de subversão e de guerrilha, visando à derrubada do sistema político vigente. Poderão ser apoiadas (ostensiva ou sigilosamente), ou não, por um ou mais governos estrangeiros. Exemplos: as Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (FARC), o Exército de Libertação Nacional (ELN, também colombiano) e a Frente Separatista Chechena.

A segunda, são organizações terroristas que, apesar do engajamento em causas tidas como justas, em função do radicalismo de suas posições, mostram-se incapazes de obter um significativo apoio popular. Poderão ser apoiadas (ostensiva ou sigilosamente), ou não, por um ou mais governos estrangeiros. Exemplos: Grupo Separatista Basco ETA e as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC).

A terceira, são organizações terroristas que, além de cerradamente apoiadas, seguem (ostensiva ou sigilosamente) as diretrizes de um ou mais governos estrangeiros, o(s) qual(is) presta(m) apoio. Exemplo: Hezbollah.

A quarta, são organizações terroristas que, embora contando com o apoio velado de governos simpatizantes, operam de forma totalmente

independente, não limitando nem suas bases, nem suas atividades ao território de determinado país ou à sua filosofia política. Exemplo: Al Qaeda e suas afiliadas Al Qaeda Afegã e Al Qaeda Iraquiana.

Com relação às suas TTP, há que se destacar: assassinato (terrorismo seletivo e indiscriminado); incêndio criminoso; atentado à bomba; sequestro (terrorismo seletivo e indiscriminado); ocupação de instalações à viva força; golpe de mão e incursão; sabotagem; ação psicológica por meio de ameaças; destruição ambiental; emprego de armamentos *antiaéreos* portáteis (*Man Portable Air Defense Systems* – MANPADS) na derrubada de aeronaves em voo; e o emprego de armas de destruição em massa (químicas, biológicas e nucleares - QBN). Esta última tática constitui-se, na atualidade, no grande pesadelo de todos os Sistemas de Inteligência, particularmente, do mundo ocidental.

### **3 TERRORISMO CONTEMPORÂNEO: C2, ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E RECURSOS FINANCEIROS.**

As organizações terroristas da atualidade, de maneira geral, não são corporativas, nem estão confinadas a limites fronteiriços, buscando, ao máximo, desenvolver capacitações transnacionais. Compartilham, entre si, não apenas consideráveis recursos, como também objetivos político-ideológicos, étnicos, ou religiosos. As organizações terroristas estabelecem conexões cerradas com organizações do crime organizado, a fim de obterem os recursos financeiros necessários

para as suas atividades. Trata-se de um ligação que atende a ambas as partes com significativas vantagens, inclusive nos níveis operacional e tático. Exemplos significativos dessa tenebrosa ligação são as conexões estabelecidas pela própria Al Qaeda, pelo Hezbollah (Líbano) e pela Frente Abu Sayyaf (Filipinas) com o crime organizado internacional.

As FARC e os cartéis colombianos, produtores de cocaína refinada e executores de sequestros indiscriminados (indústria do sequestro), não só estão cerradamente conectados, como as FARC, hoje, participam de todas as fases da produção da cocaína refinada, além de terem na execução de sequestros seletivos e indiscriminados, a sua segunda maior fonte de renda. Atualmente, segundo fontes abalizadas das forças de segurança colombianas, as FARC perderam muito de sua identidade revolucionária e tornaram-se, na verdade, o mais poderoso cartel de cocaína refinada, transformando-se no exemplo mais característico de narcoterrorismo do hemisfério ocidental. Nesse contexto, estabeleceram laços táticos com diferentes organizações do crime organizado em todos os países da América Latina, EUA e Canadá.

No que se refere ao Brasil, uma significativa evidência dessa macabra conexão é o fato de que Luis Fernando da Costa, (vulgo “Fernandinho Beira-Mar”), o maior narcotraficante do País, em todos os tempos, líder da facção criminosa do Rio de Janeiro, “Comando Vermelho”, foi capturado, em 21 de abril de 2001, pelo Exército Colombiano, na Operação “Gato Negro”, desenvolvida no Departamento de Vichada,

Região Leste (proximidade da fronteira com a Venezuela), quando trocava fuzis russos Kalashnikov AK-47 por cocaína refinada, com o então (hoje, morto) comandante da Frente 16 das FARC, “El Negro Acacio”.

As atuais organizações terroristas estruturam-se, de maneira geral, em quatro níveis. O primeiro, a grande base para os demais, é o do “**Apoio Passivo**”, que, normalmente, aproveita-se de idiossincrasias, tais como bolsões de pobreza, corrupção, tráfico de drogas, conflitos étnicos e religiosos, que se constituem em oportunidades para cooptar simpatizantes nos diversificados ambientes operacionais em presença. O segundo é o do “**Apoio Ativo**”, o segundo maior e o mais importante nível da organização terrorista, pois é o braço de suporte que propicia meios de toda natureza para a organização. Mantém canais de comunicações, opera áreas de homizio, a Inteligência e a Contrainteligência, além de assegurar que todas as necessidades logísticas sejam atendidas. O terceiro nível é o dos “**Quadros Ativos**”, braço armado da organização, responsável pelo planejamento e execução dos atentados. O quarto nível, o mais alto, é o da “**Liderança**”, responsável pela definição das diretrizes gerais e pelas ações estratégicas; via de regra, manipula ideologias e filosofias, estabelecendo um ideário em seu próprio benefício.

A Al Qaeda, a mais atuante organização terrorista da atualidade, liderada pelo milionário saudita Osama bin Laden, tendo, como seu segundo em comando, o egípcio Ayman al

Zawahiri, exemplifica como aproveitar-se das conveniências e benefícios de um mundo ocidental cada vez mais aberto, integrado e modernizado. Hoje, atua como uma agência multinacional, operando em cerca de 60 países, em todo o mundo. Conectada com o crime organizado no Afeganistão, na exploração da produção do ópio, a droga ilícita mais consumida na Ásia, possui conexões bancárias diversificadas que lhe permitem a “lavagem de dinheiro” em diversos “paraísos fiscais”. Além disso, mantém campos de treinamento e áreas de homizio no território do Afeganistão e de outros países do Oriente Médio e da África, na região fronteira e no próprio território do Paquistão, onde, inclusive, conta com significativa parcela de simpatizantes, inclusive conexões no próprio *Inter-Service Intelligence*–ISI, Agência de Inteligência do Paquistão.

Um aspecto importante do sistema de comando e controle das mais relevantes organizações terroristas, na atualidade, é que, embora enfatizando a disciplina e a hierarquia nas suas estruturas, raramente apresentará estruturas verticalizadas. De uma maneira geral, toda a integração é efetuada por redes (*networks*). A própria Al Qaeda opera suas redes valendo-se de meios diversificados, desde correspondências pessoais e anúncios anônimos em jornais, até os mais sofisticados recursos disponíveis na tecnologia da informação, telefones celulares e por satélite, Internet, *e-mails* criptografados, vídeoteipes, e *CD-ROMs* (read-only memory), dentre outros.

Há que se destacar que, desde o trágico NINE / ELEVEN, a Al Qaeda não mais voltou a atacar os EUA. Não é porque decretou uma trégua. Na verdade, está enfraquecida, perdeu esta capacitação. No momento, vivencia uma pressão intensiva, tanto no Afeganistão quanto no Iraque, que está debilitando, sobremaneira, suas afiliadas Al Qaeda Afegã, base do Movimento Talibã, e Al Qaeda Iraquiana, com reflexos significativamente negativos na sua capacitação global.

#### **4 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DE ATENTADOS NA ATUALIDADE**

Não resta dúvida de que houve uma significativa evolução, um verdadeiro refinamento da eficiência assassina das organizações terroristas durante a última década. O planejamento operacional terrorista atenta, via de regra, aos seus mínimos detalhes, com a finalidade de minimizar riscos, alcançar a mais alta probabilidade de sucesso e maximizar a atenção da opinião pública nacional e internacional sobre as ações a realizar. As táticas selecionadas são integradas ao plano geral, tendo sempre em mente que o sucesso na consecução dos objetivos operacionais tem repercussões altamente positivas na consecução dos objetivos estratégicos.

O planejamento e a execução de uma ação terrorista obedecem a um ciclo de sete fases, quaisquer que sejam as TTP a serem empregadas na sua execução.

##### **1ª FASE: SELEÇÃO AMPLA DE ALVOS**

Caracteriza-se pela busca de informações sobre

vários alvos potenciais. Tais alvos são identificados por meio da mídia, por pesquisa na Internet e por outras fontes de domínio público.

Os alvos potenciais são selecionados em função de seu valor simbólico e, sobretudo, pelo seu potencial para gerar atenção de alto perfil na mídia. Deve-se ter sempre em vista que a seleção de um indivíduo ou de uma instalação, como alvo compensador, deve estar de acordo com os objetivos estratégicos do grupo terrorista. Isso inclui uma avaliação de riscos e a possibilidade de baixas. O número de alvos preliminares que são relacionados nesta fase é limitado apenas pela capacidade da organização terrorista em coletar informações de simpatizantes e de outras fontes abertas. Os alvos considerados vulneráveis e que atendam aos objetivos da organização ficam selecionados para a próxima fase de levantamento de inteligência.

## 2ª FASE: LEVANTAMENTO DE INTELIGÊNCIA E VIGILÂNCIA

Aos alvos considerados com vulnerabilidades potenciais é dada alta prioridade de esforço. O tipo de vigilância desdobrado depende do tipo de alvo e de sua prioridade. Os requisitos básicos de Inteligência necessários, tanto para indivíduos quanto para instalações, incluem: práticas, procedimentos e rotinas; transporte e itinerários de deslocamento (incluindo viagens); e medidas de segurança em presença (aspecto da mais alta relevância em qualquer tipo de atentado).

## 3ª. FASE: SELEÇÃO DO ALVO ESPECÍFICO

A seleção do alvo específico (o que será objeto de um planejamento real para a execução da ação) considera vários fatores anteriores à decisão de prosseguir ou não. A maioria desses fatores é levantada como resposta aos seguintes questionamentos:

- O êxito da ação afeta uma ampla audiência independentemente das vítimas imediatas?
- O alvo em questão atrairá uma atenção de alto perfil da mídia?
- O êxito da ação transmite a mensagem correta para o público-alvo prioritário?
- O efeito produzido será consistente com os objetivos da organização?

O alvo proporciona uma vantagem marcante para a organização, em função de lhe dar oportunidade de demonstrar sua capacitação operacional?

- Em uma análise “custos versus benefícios”, a resultante favorece a execução da operação?

## 4ª. FASE: VIGILÂNCIA PRÉ-ATAQUE E PLANEJAMENTO FINAL

Nesta fase, as informações a serem levantadas e as prescrições a serem definidas no planejamento, tanto de ordem operacional quanto logística, demandam alto nível de Inteligência aplicada e de competência operacional. Os planejamentos operacional e logístico podem demorar dias, semanas, meses e, às vezes, anos, para serem verificados, tudo dependendo da complexidade do alvo. Fundamentalmente, é impositivo abordar: a condução de estudos sobre a segurança em

presença e a condução detalhada das operações de preparação, sobretudo, as referentes às reuniões de meios em pessoal e material. Além disso, é essencial recrutar operadores especializados de acordo com as necessidades; estabelecer uma (ou mais, dependendo da necessidade de áreas de homizio, cachês etc.) base de operações na área de interesse que contenha o objetivo; definir, avaliar e testar rotas de fuga e evasão; e definir os meios a serem agressivamente empregados na ação retaliatória no objetivo.

#### 5ª. FASE: ENSAIOS

Como em qualquer operação militar convencional e, principalmente, nas operações especiais, os ensaios são conduzidos para incrementar as possibilidades do êxito, confirmar as definições do planejamento operacional e desenvolver linhas de ação para as decisões de conduta.

#### 6ª. FASE: AÇÕES NO OBJETIVO

É fundamental deixar claro que, quando uma organização terrorista chega a esta fase, o alvo está em considerável desvantagem. Em um planejamento em que as ações de coordenação, controle e sincronização foram oportuna e adequadamente revisadas, as forças de reação só acessarão a área do objetivo após as ações terroristas terem sido executadas. São inúmeras as vantagens táticas de que o atacante dispõe: determinação do local, data-hora e condições de ataque (sobretudo, quando se tratar de atentado suicida); surpresa tática; emprego de ações secundárias e, até mesmo, de ataques

subsequentes; e desdobramento sigiloso de posições de bloqueio, visando obstruir a ação de forças de reação.

#### 7ª. FASE: FUGA, EVASÃO E EXPLORAÇÃO

As TTP para a fuga e a evasão são, usualmente, muito bem ensaiadas. Quando bem-sucedidas, contribuem para o efeito do terror. Exceção ao caso do atentado suicida quando o impacto ocorre em função do próprio desejo de morrer na execução do ataque. Porém, mesmo nas ações suicidas, o pessoal de apoio (que, pelas suas *expertises*, é considerado mais difícil de substituir do que o próprio pessoal suicida e que, na prática, tem a responsabilidade de colocar o suicida em posição) necessita fugir e evadir-se.

A exploração pós-atentado é o objetivo primário de toda e qualquer ação terrorista. Os atentados são explorados em função da máxima publicidade que puderem alcançar. Medidas de controle da mídia, manifestos antecipadamente preparados, o uso da Internet, rádio, televisão, *podcast* e outras, contribuem para uma exploração eficaz. O rendimento da exploração de um ataque terrorista bem-sucedido traz dividendos significativos sobre diferentes públicos-alvo, inclusive, com reflexos no recrutamento de pessoal e no apoio financeiro.

Por outro lado, o ataque frustrado ou malsucedido tem o efeito inverso. Destrói a imagem da organização, mostrando-a vulnerável e, sobretudo, ineficaz.

## 5 PREVENÇÃO E COMBATE

A experiência vivenciada com sucesso, em diferentes países, registra que as ações fundamentais a serem executadas na prevenção e no combate ao terrorismo, visando a todo o espectro da ameaça, estão enquadradas em quatro atividades básicas: Antiterrorismo e Contraterrorismo, normalmente, gerenciadas por um Centro Nacional de Prevenção e Combate ao Terrorismo; Administração das Consequências, usualmente, gerenciada pelo órgão central da Defesa Civil Nacional; e o Apoio de Inteligência, gerenciada pelo órgão central do Sistema Nacional de Inteligência .

O **Antiterrorismo** é a atividade que engloba as medidas defensivas de prevenção, a fim de minimizar as vulnerabilidades dos indivíduos e das propriedades aos atentados terroristas.

O **Contraterrorismo** é a atividade que engloba as medidas ofensivas de caráter eminentemente repressivo, a fim de impedir, dissuadir, antecipar e responder aos atentados terroristas.

A **Administração de Consequências** é a atividade de preparação e resposta para minimizar as consequências de um atentado, incluindo o uso de agentes QBN. Compreende, ainda, a emissão de alertas à população, planejamento de atendimento a catástrofes, a saúde pública, a vigilância médica e outras medidas preparatórias.

O **Apoio de Inteligência** é o ponto focal da prevenção e combate ao terrorismo. Engloba a busca (sigilosa), a coleta (ostensiva) e a disseminação de informações direta ou indiretamente relacionadas a atividades de organizações terroristas.

Todas essas atividades básicas são planejadas e executadas tanto por autoridades civis quanto militares, em um esforço multidisciplinar interagências de grande vulto, e cuja integração é de grande complexidade. A experiência tem demonstrado que não há como improvisar ações a serem executadas em nenhuma dessas atividades, quando da eclosão de crises. O planejamento e a prontidão para execução devem estar permanentemente atualizados para que possam se tornar, cada vez mais, eficientes e eficazes, por ocasião de crises.

## 6 INTELIGÊNCIA

O Sistema de Inteligência está na primeira linha de defesa dos interesses vitais de qualquer Estado Nacional. A ele cabe proceder um estudo permanentemente atualizado de “Análise da Ameaça”, que consiste em um processo de compilação e exame de todas as informações disponíveis concernentes a potenciais atividades de grupos ou indivíduos terroristas que possam afetar os interesses nacionais. Essa Análise que, na atualidade, tem como instrumento da maior relevância uma impositiva conexão com um significativo número de outras agências internacionais de Inteligência selecionadas, deve focar fatores específicos que definam, dentre outros, a capacitação operacional a liderança, as intenções e motivações, as atividades importantes, recentes e atuais, as áreas de homizio e as fontes de recursos da(s) organização (ões) terrorista(s) em presença.

Basicamente, são três as fontes de

Inteligência e Contrainteligência a serem trabalhadas pelo Sistema: Informações de fontes abertas (mídia, publicações diversificadas, internet etc.); Informações de Garantia da Lei e da Ordem (todas aquelas oriundas de fontes com responsabilidade na Segurança Pública); Informações oriundas da Inteligência e Contra-Inteligência Governamental (todas aquelas produzidas pelos diversificados órgãos que integram a Comunidade Nacional de Inteligência).

Não raro, em função das atuais ligações entre organizações terroristas e o crime organizado, torna-se necessário integrar a tradicional Inteligência de Segurança Pública com a tradicional Inteligência de Segurança Nacional.

## **7 CONTRATERRORISMO PROATIVO**

Uma diferenciação básica entre o Contraterrorismo e o Antiterrorismo está no que se refere ao emprego dos organismos de segurança e defesa. Nas ações a realizar no contexto do Antiterrorismo, as unidades empenhadas, sejam dos órgãos de Segurança Pública, sejam das Forças Armadas, não necessitam de especialização específica; no Contraterrorismo, é impositiva, verdadeira condição *sine qua non*, a especialização específica de contraterror.

Nos últimos 35 anos, em diferentes países, unidades especificamente adestradas em ações contraterror foram desdobradas em incidentes diversificados, envolvendo grupos terroristas de diferentes motivações e capacitações operacionais. Tais desdobramentos nem sempre foram coroados de êxito, via de regra por incompetência das próprias forças de segurança. Como exemplos

inesquecíveis, até pela inestimável série de ensinamentos colhidos que propiciaram, e que ainda serão válidos por muito tempo, estão o incidente de: Munique, nos Jogos Olímpicos de 1972, em que membros da delegação israelense foram sumariamente eliminados por integrantes da organização Setembro Negro, em face da então incompetência das forças de segurança alemãs; o ataque da Frente Separatista Chechena ao Teatro Dubrovka, em Moscou, em outubro de 2002 (800 espectadores mantidos reféns durante três dias, tendo a patética ação das forças de segurança russas resultado em 169 mortos, dos quais 128 reféns e 41 terroristas); o ataque à Escola Número 1, em Beslan, Ossétia do Sul, nos três primeiros dias de setembro de 2004, cuja ação contraterror, também russa, resultou em 330 baixas fatais, sendo 186 crianças; e o mais recente ataque a Mumbai, Índia, entre 26 e 29 de novembro de 2008, tendo como resultado, 164 civis não combatentes, 16 policiais e 9 terroristas mortos.

Independentemente de sua extensão territorial, ou de seu nível político-estratégico na comunidade internacional, quase todos os países, particularmente no mundo ocidental, desenvolveram, tanto nos seus organismos de Segurança Pública (conhecidas como Unidades *Special Weapons and Tactics*- SWAT) quanto nas suas Forças Armadas, forças de operações especiais (FOpEsp) selecionadas, organizadas, adestradas e equipadas para o planejamento e a execução de ações contraterrorismo.

Na atualidade, fruto do estudo pormenorizado das organizações terroristas ,

particularmente daquelas fundamentalistas extremistas islâmicas, a comunidade contraterrorismo internacional chegou à conclusão de que o principal suporte do sucesso na neutralização dos atentados de qualquer natureza repousa em uma **Inteligência eminentemente proativa**. Isso possibilita que as FOPEsp desencadeiem uma ação retaliatória neutralizadora antes que o grupo terrorista execute o atentado planejado. Essa concepção eminentemente proativa, que substitui uma concepção anterior, eminentemente reativa (as operações contraterrorismo, via de regra, eram desencadeadas somente após a realização do atentado), provocou uma significativa evolução no preparo das FOPEsp em todo o mundo. O espectro do adestramento que ficava intensivamente focado nas “técnicas de entrada” (neutralização de áreas de homizio) diversificou-se. Atualmente, os elementos especializados contraterror **devem ser, sobretudo, treinados a obter e a informação e desencadear ações imediatas para maximizar o seu aproveitamento**.

Outro aspecto absolutamente inequívoco, essencial e indispensável é a **Unidade de Comando** na condução de qualquer incidente envolvendo a neutralização de um grupo terrorista. Com o advento da concepção proativa, visando à sua eficiência e eficácia, torna-se imprescindível um eficiente papel do Coordenador da Ação Contraterrorismo (CACT), autoridade que deve exercer o comando, o controle e a fundamental sincronização de todas as ações, desde que os primeiros indícios da presença terrorista venham à tona, até a sua neutralização final. Em situações

mais crítica, em que interesses vitais nacionais tenham elevado grau de risco, o CACT deverá receber diretrizes específicas oriundas dos mais altos escalões de segurança e defesa do Estado Nacional em presença.

O “Contraterrorismo Proativo” exige que as diversas instituições de segurança civis e militares em presença selecionem e treinem quadros na tarefa de exercer a função de CACT, bem como, atendendo ao que a atual experiência vem demonstrando, preparem equipes multidisciplinares de especialistas (pessoal, inteligência, operações, logística, comunicações, comunicação social, operações psicológicas, operações aeromóveis, armamento e munições, explosivos etc.) para assessorar o comando na tomada das decisões.

Toda essa significativa evolução tem mostrado que, quando da necessidade de neutralizar uma determinada organização terrorista, as FOPEsp integrantes das Forças Armadas devem ter prioridade de emprego sobre aquelas oriundas das instituições policiais. Isso se torna ainda mais verdadeiro na medida em que o grupo terrorista em presença demonstra uma consistente capacitação militar. Trata-se de uma consequência lógica da multidisciplinaridade de seu preparo, que integra desde a capacitação de infiltrar-se em qualquer terreno, sob quaisquer condições meteorológicas, sobreviver e operar em ambientes longínquos e hostis, com um mínimo de direção e apoio; até a prática intensiva do trabalho de comando e estado-maior (quadros especializados, plenamente preparados em

diferentes níveis) para a tomada eficiente e eficaz de decisões, particularmente, as chamadas “decisões de conduta”, em situações emergenciais. Quando do emprego das FOpEsp das Forças Armadas, via de regra, o CACT e seu estado-maior são retirados do escalão imediatamente superior ao da Unidade responsável pela neutralização do grupo terrorista em presença (existência de sólidos laços táticos, alto padrão de confiança mútua, estabelecidos em adestramentos de grande intensidade e extremamente realísticos).

Toda essa conjuntura concorre de forma inequívoca, na atualidade, para a priorização das FOpEsp das Forças Armadas, que estarão enquadradas em Forças- Tarefa Conjuntas de Operações Especiais (FTCjOpEsp, presença de Elm OpEsp de mais de uma Força Singular), que, por sua vez, estarão diretamente subordinadas ao maior escalão em presença. Quando da necessidade de integrar Forças- Tarefa Combinadas Conjuntas de Operações Especiais (FTCbCjOpEsp, presença de Elm OpEsp de mais de uma Força Singular e de mais de um país), nas situações de atendimento a compromissos internacionais (fora do território nacional), fica ainda mais evidente a priorização das FOpEsp das Forças Armadas.

Esse aspecto conclusivo, entretanto, não exige a participação das FopEsp policiais em absoluto. A experiência demonstra que, visualizando a prontidão de emprego para as mais diversas situações, no contexto de todo o espectro de uma campanha de contraterrorismo, não faltará missão para esses profissionais operadores especiais policiais.

## 8 CONCLUSÃO

O Brasil, hoje, como potência reconhecidamente emergente, tem a sua estatura político-estratégica implementada a cada dia, no cenário internacional, inclusive, com uma muito bem respaldada candidatura à ocupação de um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, em função de uma possível reforma na Carta Magna daquele organismo internacional.

Nessa condição, suas autoridades governamentais do mais alto nível decisório, sobretudo aquelas investidas de responsabilidades na área de segurança e defesa, não podem alienar-se com relação aos complexos problemas que envolvem a prevenção e o combate ao terrorismo, que, tudo indica, será a maior ameaça à paz e à segurança internacionais no Século XXI.

Nesse contexto, torna-se necessário operacionalizar, a curto prazo, o **Núcleo do Centro de Coordenação das Atividades de Prevenção e Combate ao Terrorismo** recentemente ativado (Port. Nr. 22, de 9 de junho de 2009), pelo Gabinete da Segurança Institucional da Presidência da República (GSI/PR). Da mesma forma, há que se dotar de recursos compatíveis os órgãos integrantes do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN), bem como manter em elevado nível as capacitações das FOpEsp das Forças Armadas, e de estabelecer uma política nacional que possibilite a maximização da capacitação das diversas FOpEsp das polícias civis e militares, federais e estaduais.

## REFERÊNCIAS

- Celeski, Joseph D., “Hunter-Killer Teams: Attacking Enemy Safe Havens”, Joint Special Operations University, JSOU Report 10-1, January 2010, Hurlburt Field, FL, USA.
- Hoffman, Bruce, “Rethinking Terrorism and Counterterrorism since 9/11”, Studies in Conflict&Terrorism, RAND, Arlington,VA,USA, 2008.
- US Joint Chiefs of Staff, “Antiterrorism”, Joint Publication JP 3-07.2, 14 April 2006, Washington D.C., USA.
- US Joint Chiefs of Staff, “Counterterrorism”, Joint Publication JP 3-26, 13 November 2009, Washington D.C., USA.

----- (\*)*General de Brigada na Reserva, Analista Militar especialista em Operações Especiais, Contraterrorismo e Guerra Irregular.*